

INFÂNCIA, FILOSOFIA E *PÓLIS*: EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA

Walter Omar Kohan¹

Resumo²

Exagerando uma certa tensão existente entre Sócrates e Platão em *Diálogos* como *Apologia de Sócrates*, *Górgias* e *A República*, este artigo busca pensar uma oposição mais profunda entre duas políticas da educação da infância em nome da filosofia: como conhecimento verdadeiro do bom e do belo (Platão), a filosofia aspira à conversão da infância; como forma de vida questionadora (Sócrates), ela abre um espaço de interrogação para escutar a infância. No artigo, mostramos como o programa *Filosofia para Crianças*, de Matthew Lipman, parece situar-se do lado de Platão, destacando os impactos de tal postura em relação à força criadora da infância.

Palavras-chave: Infância; Sócrates; Platão; Filosofia para Crianças

Resumen

Exagerando cierta tensión existente entre Sócrates y Platón en *Diálogos* como *Apología de Sócrates*, *Gorgias* y *La República*, este artículo busca pensar una oposición más profunda entre dos políticas de educación de la infancia en nombre de la filosofía: como conocimiento verdadero del bien y de lo bello (Platón), la filosofía aspira a la conversión de la infancia; como forma de vida cuestionadora (Sócrates), ella abre un espacio de interrogación para escuchar a la infancia. En el texto, mostramos cómo el programa *Filosofía para Niños*, de Matthew Lipman, parece situarse más próximo de Platón, destacando los impactos de tal postura en relación con la fuerza creadora de la infancia.

Palabras clave: Infancia; Sócrates; Platón; Filosofía para Niños

É interessante notar como, desde o início da história das ideias, a desvalorização da infância encontra um paralelo com a desvalorização da Filosofia. Para nós, tal paralelo tem seu início, provavelmente, com uma passagem em *Górgias*, de Platão, em que a desvalorização da infância encontra-se associada a uma crítica à Filosofia. Ainda mais surpreendente: nesta passagem, Platão apresenta uma crítica a Sócrates, seu próprio mestre, quer à sua compreensão de filosofia, bem como à forma como ele a praticou na *pólis*. Temos, aqui, Platão

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, CNPq, FAPERJ. E-mail: wokohan@gmail.com.

²Artigo originalmente disponível em http://www.montclair.edu/media/montclair.edu/cehs/documents/japc/KOHAN_Childhood-Philosophy-and-the-Polis.pdf. Acesso em 26 Dez 2014. Tradução Rosi Giordano. (original em Inglês).

criticando não só uma desnaturalização da argumentação dialética, mas, indiretamente, acusando Sócrates, seu amado mestre?

Neste artigo, tentaremos desdobrar modos possíveis de pensar os caminhos que essa pergunta abre e fazer algumas considerações acerca de algumas questões contemporâneas sobre a filosofia e a educação de infância. Estamos interessados nesta *batalha* entre Platão e Sócrates não por ela mesma, mas porque a mesma encontra-se atravessada por uma oposição mais profunda entre duas políticas da educação da infância em nome da filosofia: como conhecimento verdadeiro do bom e do belo, a filosofia aspira à conversão da infância; como forma de vida questionadora, ela abre um espaço de interrogação para escutar a infância.

A crítica da infância e da filosofia no Górgias

Vamos diretamente ao *diálogo*. Sócrates já havia feito Polo e Górgias abandonarem a conversa. Cálicles, impulsivamente, entra reclamando da maneira como Sócrates tratou seus interlocutores anteriores e pede a Sócrates para parar de agir como uma criança e distanciar-se da filosofia para dedicar-se a questões mais importantes (*Górgias* 484c). Cálicles afirma que a filosofia corrompe os homens quando estes permanecem muito tempo nela e que isso os torna inexperientes (*ápeiron*) para a vida pública na *pólis*.

Ele alega que aqueles que filosofam muito não conhecem as leis, não sabem como tratar as pessoas e não são transparentes, não são bem vistos e experientes (*émpeiron*). Em suma, são ridículos nos assuntos públicos e privados (*Górgias* 484c–d) nos quais se comportam como crianças. Isto é o que ele atribui a Sócrates: comportar-se ele próprio como criança na *pólis*. O filósofo é ridículo e infantil nos assuntos públicos, da mesma forma que os políticos o são nas conversas filosóficas. Assim, Cálicles oferece a seguinte comparação:

É belo o estudo da filosofia até onde for auxiliar da educação, não sendo essa atividade desdouro para os moços. Mas prosseguir nesse estudo até idade avançada, é coisa supinamente ridícula, Sócrates, reagindo eu à vista de quem assim procede como diante de quem se põe a balbuciar e brincar como criança. Quando vejo uma criança na idade de falar dessa maneira, balbuciando e brincando,

alegro-me e acho encantador o espetáculo, digno de uma criatura livre e muito de acordo com aquela fase da existência; porém se ouço uma criaturinha articular com correção as palavras, doem-me os ouvidos e acho por demais forçado essa maneira de falar, que se me afigura linguajar de escravos. Falar um adulto, pelo contrário, ou brincar como criança é procedimento ridículo, indigno de homens e merecedor de açoites. É precisamente isso que se dá comigo com relação aos que se dedicam à filosofia. Alegro-me o espetáculo de um adolescente que se aplica no estudo dessa matéria; assenta-lhe bem semelhante ocupação, muito própria de um homem livre, como considero inferior e incapaz de realizar alguma ação bela e generosa quem nessa idade descarta a filosofia. Mas, quando vejo um velho cultivá-la a destempo, sem renunciar a tal ocupação, um homem nessas condições, Sócrates, para mim é merecedor de açoites. Como disse há pouco, quem assim procede, por mais bem-dotado que seja, deixa de ser homem; foge do coração da cidade e das assembleias, onde, exclusivamente, no dizer do poeta, os homens se distinguem, para meter-se num canto o resto da vida, a cochichar com três ou quatro moços, sem jamais proferir um discurso livre, grande ou generoso³. (PLATÃO, 2015)

Cálicles declara que é bonito dedicar-se à filosofia na medida em que serve à educação (*paideia*). Não que haja qualquer apreciação das duas: elas podem ficar juntas só porque ambas são, por natureza, sem importância, ou, na melhor das hipóteses, uma preparação para o que realmente importa: a vida política dos adultos.

Segundo Cálicles, a educação refere-se a um mundo anterior ao mundo real, depois de entrar na vida política. Não há política na infância, nem na educação e na filosofia; portanto, a filosofia pode acompanhar a vida humana durante a fase do jogo (*paízon*), e é mesmo adequado e bonito que o faça, mas isso não pode passar à vida adulta, quando jogar não é mais bem visto, e a vida tem que tomar a forma de uma séria participação nas instituições políticas. Aquele

³ PLATÃO. Górgias. Tradução direta do grego por Carlos Alberto Nunes. (Versão eletrônica).

Digitalizado: Grupo Acrópolis. (Filosofia). Disponível em <<http://u.jimdo.com/www36/o/s46f5f7f782ca167/download/m332b34f071ab63af/1330668433/Platao+-+Gorgias.pdf>>. Acesso: 12 Jan 2015.

que se dedica à filosofia na vida adulta torna-se um homem desprezível (um oposto ou negação de um homem, *anandroi*), principalmente porque ele não ocupa o lugar público (*agora*) e o centro da cidade, lugares da realização da cidadania, e ocupa o resto de sua vida cochichando, pelos cantos, com alguns poucos jovens.

É extremamente complexa a relação entre Platão e as personagens de seus diálogos, a começar com Sócrates e também com outros como Cálicles. Há algo que Platão, com pequenas dúvidas, parece estar compartilhando com Cálicles, a personagem: a ideia de que o que realmente importa é a vida política dos adultos na *pólis*, para descrever o que ele dedica seus dois mais extensos diálogos: *A República* e *As Leis*. Platão também está interessado na educação da infância, um tema que aparece frequentemente em seus *diálogos*. Mas, ele não parece estar interessado nisso em função da infância em si, mas, sim, em virtude das implicações trazidas para a vida social por cada maneira de educar a infância. Em outras palavras, a educação é muito importante porque é a causa (*aitía*) da justiça ou injustiça da *pólis* (*A República*, II 376c-d). É por isso que, ao contrário de Cálicles, Platão dá enorme importância à educação dos jovens e, também por isso, ele irá excluir dela a dialética erística. A respeito da educação, Platão considera a música e a ginástica os estudos mais apropriados ao início da educação dos jovens, colocando a filosofia apenas ao final da mesma. Apesar desta diferença, Platão talvez concorde com Cálicles que, como praticada por Sócrates, a filosofia pode ser inútil ou mesmo perigosa e não poderia prestar seu serviço real à vida política. Na verdade, essa crítica à filosofia colocada por Platão na boca de Cálicles é bem conhecida e muito comum após a morte de Sócrates.

Na *República*, Adeimantus propõe um argumento paralelo: aqueles que não abandonam a filosofia, abraçando-a, depois, como parte de sua educação, quando são crianças (*neoi*), tornam-se adultos estranhos (*allokótuos*) ou pessoas imorais (*A República* VI 487c – d).

Novamente, a filosofia pode ser praticada enquanto se é criança, mas a política é o mundo da maturidade, mundo em que a filosofia não tem lugar. No entanto, se for o caso, que significado poderia ter afirmar que os males da cidade

não cessariam antes de os filósofos a governarem se os filósofos são tão sem sentido para a vida política da *polis*, pergunta Adeimantus. (487e). Platão responde por meio de uma imagem dada por Sócrates, conhecida como a alegoria do navio. Sucintamente, o argumento propõe que se considere um navio comandado por quem não aprendeu a arte de velejar, mas por aqueles que o comandam à força. Em tal navio quem aprendeu a arte de velejar poderia ser considerado inútil ou perigoso tal como o filósofo o é na *pólis*. Mas, tal navio não é um navio de verdade, tal como a *pólis* em que aqueles que governam não aprenderam a arte de governar não é verdadeira.

A imagem dos filósofos relacionada a seu papel de governar a *polis* é apresentada, mais detalhadamente, algumas páginas depois, em *A República*, Livro VII, a partir da Alegoria da Caverna e está distante da posição traçada por Sócrates, pelo próprio Platão, na *Apologia* e outros *diálogos* iniciais, não só em termos de sua função política, mas, igualmente, em sua relação com o conhecimento e com a educação.

Enquanto no Livro VII de *A República* há todo um conjunto de disciplinas (geometria, aritmética, astronomia, e dialética) que o filósofo precisa aprender, na *Apologia*, se o filósofo é o homem mais sábio de Atenas, é precisamente porque ele é o único que não sabe e que não acredita que sabe. Mais do que isso, na *Apologia*, o filósofo é um mestre (*didáskalos*) de ninguém, diferentemente da *República* em que ele deve educar todos os outros. Finalmente, na *Apologia*, Sócrates afirma que se ele tivesse entrado para a vida política, se ele tivesse trazido a filosofia para a política, ele teria morrido muito antes (*Apologia* 31d). De modo que, parece-nos, a relação entre conhecimento, educação e política é bastante oposta na *Apologia* e em *A República*. Enquanto na *Apologia*, Sócrates, o filósofo é um *parádeigma* quer porque ele não presume saber ou ensinar e manteve-se isolado da vida política de Atenas, do Conselho e da Assembleia, em *A República* há um currículo profundo que o filósofo precisa saber para poder ser o verdadeiro governante e educador da *polis*.

O próprio Sócrates – que parece tão feliz praticando a filosofia fora da vida política institucional de Atenas para questionar seus colegas cidadãos sobre o

modo de vida dos mesmos – seria forçado pelos idealizadores da *polis* da *República* a entrar nas instituições e levá-los para fora da caverna para colocar em prática a dimensão educativa e política da filosofia.

Infância e Filosofia na *Apologia*

Voltemos à *Apologia*. No início, Sócrates, o filósofo criança, apresenta-se em sua defesa no tribunal como completamente estrangeiro para o léxico do lugar (*atechnôs oûn xénos écho tês entháde léxeos*, 17e). Assim, ele diz aos juízes que vai falar, no momento presente, usando as mesmas palavras que está acostumado a usar, no espaço público da *agora*. Pede, portanto, para ser autorizado a falar com a voz (*phoné*) com a qual ele foi criado, como se ele realmente fosse um estrangeiro. Sócrates falaria na voz do filósofo – a voz da criança. Os juízes atenienses democráticos não ouviriam um estrangeiro, uma criança e um filósofo. Não há linguagem comum entre Sócrates e os juízes. Não há diálogo entre a infância e a *polis*, diálogo algum entre a filosofia socrática e a política ateniense. Sócrates fala a verdadeira palavra de infância; seus juízes, a falsa palavra de retórica.

A *polis* é insensível à linguagem como que infantil do filósofo, pois não pode ouvir seriamente a infância. Sócrates parece ridículo no tribunal, como uma criança brincando. Essa questão é crucial para o conflito de Platão sobre a educação da infância. A postura infantil de Sócrates, tal como traçada na *Apologia*, relativamente ao conhecimento é politicamente perigosa ou inútil. O que para Sócrates é a mais verdadeira relação com o conhecimento – não saber a não ser que não se sabe - é infantil, brincalhona, não é séria o suficiente para os desafios políticos da *polis* a fim de construir uma ordem justa, bela e boa.

A imagem socrática do filósofo, conforme descrita na *Apologia*, é impotente segundo a perspectiva platônica para os filósofos que precisam mudar a *pólis*. Sócrates está muito próximo da infância, tão aberto ao jogo, ao não saber, ao questionar, ao não ensinar em sua vida filosófica e, assim, distante do projeto político subsumido por Platão na Filosofia. É esta a razão completamente distinta pela qual, na *República* de Platão, a filosofia é incluída apenas para os mais velhos

no currículo dos políticos que aspiram governar a *pólis*, dada sua certeza de que a mesma precisa ser conhecida a partir de um caminho pedagógico que deve ser planejado. É também por isso que Platão considera que as crianças precisam ser excluídas da dialética, porque elas tomam-na como um brincar com as contradições e não como um caminho para a investigação da verdade (*A República* VII, 539a-c).

Algumas notas sobre a relação *Educação, Infância e Filosofia*

Este debate nos interessa não em virtude dele próprio ou por motivos históricos, mas pela maneira como o mesmo pode nos auxiliar a compreender o tempo presente. Assim, o debate entre Platão e Sócrates não é apenas uma debate entre duas concepções de filosofia, mas, igualmente, em nome da filosofia, entre duas políticas de educação da infância. Estão em cena duas concepções diferentes da filosofia: a da filosofia como questionamento da vida e aquela da filosofia como um trabalho intelectual relacionado a um conhecimento verdadeiro ou positivo que promete converter os infantes em adultos por meio de um projeto educativo da Filosofia. Este caminho concebe a infância como um objeto da educação objetivando transformar o que ela é naquilo que deveria ser, os filhos que temos nos adultos de que precisamos para o futuro, para a utopia política tal como traçada pelos adultos do presente: o filósofo, o legislador, o próprio Platão. O outro caminho pensa a infância como sujeito de sua própria educação, como uma voz verdadeira, que educa e cuja educação tem na filosofia um de seus nomes. Desta forma, a infância não é educada, mas educa. Esta é a postura de Sócrates na *Apologia*, questionada em muitos dos *diálogos* posteriores. Na *Apologia*, infância e filosofia apresentam-se, relativamente à vida instituída no espaço público da *Ágora*, sob a forma de ruptura, irreverência e rebeldia quanto ao exercício do poder da fala, do pensamento e da vida. Estamos, portanto, perante duas formas opostas, conflitantes de praticar o poder político da filosofia. Não é a filosofia fora da *ágora* contra a política praticada nas instituições. É a política de um filósofo infantil contra a política dos cidadãos adultos no próprio espaço da *ágora*.

Na forma socrática, sob formas infantis e estrangeiras de expressar-se em uma comunidade, a filosofia mostra seu valor na busca de um conhecimento

desconhecido sobre todas as coisas, no questionar e desaprender o que sabemos, afirmando o valor do não saber, do tentar responder, com todas as suas forças, questões que não podem ser respondidas. Esta prática da filosofia não é um conhecimento, mas uma relação com o conhecimento e não promete os caminhos para o conhecimento, mas uma forma de alimentar o valor de não saber. Do mesmo modo, a filosofia socrática também não ensina, mas provoca a aprendizagem, e mesmo que considere a vida como um objeto de reflexão, antes de tudo, é uma maneira de viver.

Assim entendida, a filosofia é inútil para a construção de um projeto político-pedagógico pré-definido. Mais do que isso, na concepção de Platão, a filosofia é não apenas inútil, mas perigosa. Assim, ela deve ser expurgada da *polis* por não permitir criar um bom lugar para o currículo, para o desenvolvimento da aprendizagem do conhecimento que pode tornar a *polis* mais bela, boa e justa, tal como Platão afirma que a mesma deveria ser.

Irônica e simbolicamente, Platão não parece discordar tanto como ele pessoalmente fez relativamente ao modo como os juízes reagiram contra seu amado mestre.

Este é o paradoxo de Sócrates, da criação de seu *phármakon* (droga, remédio, veneno): para viver, seus seguidores também precisam matar seu mestre; a fim de crescer, a filosofia pode precisar investir contra a imagem por meio da qual nasceu. Sócrates dando nascimento à filosofia fez surgir seu próprio veneno.

Matthew Lipman, criador contemporâneo da *Filosofia para crianças*, lembra a passagem em que Cálicles critica Sócrates (LIPMAN, 1988, p. 3) na cena anteriormente vista, de *Górgias*, para reivindicar, contra os comentários subsequentes em Platão, que pretendem demonstrar que Cálicles está errado, e que a filosofia é apenas para adultos. Lipman se coloca ao lado de Cálicles para mostrar como a filosofia pode ser praticada na infância. Lipman também reivindicava para a *filosofia para crianças* uma inspiração socrática, como algo que é feito e não aprendido ou aplicado, tal como mostram suas conversas com os jovens (*ibid.*, p. 11-2). Desse modo, podemos dizer que, a concepção de filosofia de Lipman é muito mais próxima de Sócrates do que da de Platão: filosofia é algo praticado,

uma forma de vida e não um caminho para o conhecimento verdadeiro. Nesse sentido, Lipman defende, convincentemente, uma concepção da filosofia próxima da de Sócrates: insiste que a investigação filosófica deve seguir o argumento e o raciocínio por onde quer que nos leve, e não deve ser confundida com a mera técnica da argumentação dialética que Platão (*A República VII*) exorta como devendo ser excluída para os jovens em prol da reputação da filosofia. Lipman conclui que suprimir das crianças o universo da filosofia, como faz Platão (*A República*) é um equívoco: o que Platão proíbe de crianças não é a própria filosofia, mas sua redução à argumentação erística (LIPMAN, 1988, p. 15). Sócrates inspira o modelo de comunidade de investigação filosófica de Lipman, segundo o qual ele quer converter todas as salas de aula.

No que concerne à dimensão política da prática filosófica, nossa percepção é que Lipman toma o lado com Platão contra Sócrates. Lipman tem uma utopia: a de um mundo razoável, democrático, que a prática da filosofia por crianças nas escolas pode auxiliar na sua construção e consolidação. Esse é um caminho no sentido de transformar as crianças em cidadãos razoáveis e democráticos tal como o mundo exige. Por isso Lipman introduz como estrutura da prática da filosofia uma comunidade de investigação filosófica, uma agenda democrática como quadro de referências.

Sócrates, ao iniciar seu discurso na *Apologia*, argumenta que, apesar de seus perseguidores não terem dito nada verdadeiro, falaram de forma tão convincente que ele quase se esquece de si próprio. Talvez todos nós, amantes da filosofia e da infância, possamos considerar, uma vez mais, prestar alguma atenção a esta voz infantil. Talvez possamos considerar, mais uma vez, que tipo de espaço, posição e forças afirmamos em relação à infância enquanto a educamos por meio da filosofia. Talvez devêssemos considerar o quão sensível é nossa filosofia para uma política de infância, se não queremos esquecer nós mesmos.

REFERÊNCIAS

PLATÃO. *Górgias*. Tradução direta do grego por Carlos Alberto Nunes. (Versão eletrônica). Digitalizado: Grupo Acrópolis. (Filosofia). Disponível em

<<http://u.jimdo.com/www36/o/s46f5f7ff782ca167/download/m332b34f071ab63af/1330668433/Platao+-+Gorgias.pdf>>. Acesso: 12 Jan 2015.

PLATÃO. *A República*. Tradução direta do grego por Carlos Alberto Nunes. Belém, PA: UFPA, 2000. 3ª. Ed. Revisada.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Trad. Manoel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1997.

LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1988.